

Editorial: Interfaces em Inteligência artificial e cognição



Cristina Tereza Salvador Rebelo¹

Sabrine Amaral Martins²

A recente disseminação e crescimento massivo da Inteligência Artificial (IA) foi parcialmente possível graças à disponibilidade de enormes quantidades de dados, provocando um emergente questionamento à relação entre IA e educação. Esta emergência, levanta a necessidade de se considerarem múltiplos quesitos quando se indagam os objetivos desta conexão e o que isso envolve, obrigando a uma observação atenta sobre como e onde a IA é utilizada, por quem e como é operacionalizada. A IA está a transformar a sala de aula e a relação com o conhecimento, convidando uma atitude vigilante ao princípio de que a educação deve sempre impulsionar a tecnologia – e não o contrário, deixando espaço a variadas dimensões e impactos interpretativos. Na entrevista realizada com Jaime Quesado, fica presente a inevitabilidade da IA na educação moderna e a sua relação com a aprendizagem e a aquisição de competências num contexto responsável, abeirando-se a Gerd Leonhard, onde ética e confiança serão a base para uma relação positiva homem-máquina. Para o entrevistado, conhecimento e partilha deverão ser resultado de um compromisso ponderado entre as competências certas enraizadas em recursos e informações de qualidade, que permitam apostar numa dinâmica de futuro e na construção de um modelo de ensino de vanguarda e sustentado. A proposição de seguir

¹ Professora dos Cursos de Ciências da Comunicação e Relações Públicas e Gestão da Comunicação; e do Mestrado de Gestão de Recursos Humanos e Gestão de Empresas da Universidade da Maia. Pesquisadora no ICNOVA / NOVA FCSH. E-mail: crebelo@umaia.pt.

² Docente do Instituto Federal Farroupilha (IFFAR) campus São Borja. Estágio Pós-doutoral em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: sabrineam@outlook.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6350594014702899>.

uma perspectiva colaborativa e monitorizada é a garantia de impulsionar um modelo educativo de confiança e propósito, enraizado no envolvimento das comunidades educativas e na gestão das suas instituições, cujo foco será a competência, a ética, o valor e a qualidade de ensino.

Em “Redesenho do ensino e aprendizagem com Inteligência Artificial”, Celestino Joanguete discorre sobre a pertinência e oportunidade da reflexão da integração da IA “em contextos educativos, visando compreender as dinâmicas impulsionadas pela IA no processo de ensino e aprendizagem”. Em primeiro lugar, no que respeita aos aspetos éticos e à capacidade de desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos e em seguida, como a IA se constitui como uma ferramenta de apoio na planificação do trabalho docente e no ensino personalizado. Referindo-se ao estudo de McKinsey & Company (2020), o artigo coloca em evidência as conclusões de que “as áreas com maior potencial de automação incluem preparação, administração, avaliação e feedback, enquanto instrução, engajamento, treinamento e aconselhamento demonstram ser mais resistentes à automação”, rematando que a “integração das tecnologias na educação, particularmente as ferramentas da IA, melhora a eficiência e proporciona experiências mais enriquecedoras aos professores”.

O veloz desenvolvimento e implementação da IA, sendo à partida um tema dicotômico, exige transversalmente uma abordagem crítica e isenta, já que a vertente do tema ensino assume um lugar de destaque nesta reflexão. Se, por um lado, há um otimismo patente, também surgem vertentes mais críticas, ressaltando que “a falta de métodos eficazes para evidenciar práticas de ensino baseadas em IA pode comprometer a transparência, a validade e a replicabilidade dessas abordagens” (HOLMES; KASKA, 2022).

De todas as contribuições para o debate, o artigo destaca a Unesco (2022a) como tendo “desempenhado um papel significativo ao apresentar recomendações sobre o uso da IA na educação (...) defendendo princípios éticos, transparência e responsabilidade e inclusão” tendo como foco “objetivos de desenvolvimento sustentável”. Abordando várias contribuições institucionais para uma discussão não só de cariz educativo, mas também social, fica a proposta da interação humana, as competências digitais e a integração responsável da IA em ambientes educativos segundo aspectos éticos e rejeitando fáceis otimismo.

A IA é já uma parte inevitável da aprendizagem, da vida e do trabalho futuro dos alunos e jovens da atualidade. Mas não só. Há, atualmente, uma panóplia de reflexões multidisciplinares de pendor eufórico versus apocalípticas representadas por autores reconhecidos pela sua ligação ao mundo da IA. Na resenha de Jordan Junges, da obra “Inteligência artificial: como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos relacionamos, trabalhamos e vivemos” (KAI-FU LEE, 2019), é notória a centralidade do tema da IA na sua vertente de desenvolvimento sem precedentes na história da humanidade e da visão de como a tecnologia poderia ser utilizada para resolver alguns dos maiores problemas que assolam a sociedade neste início de milênio, como a miséria, a desigualdade e a dificuldade de acesso à educação. Parafraseando o autor, “nosso fascínio é “uma mistura de admiração infantil e preocupações adultas” (LEE, 2019, p. 11)”. O comprometimento da China como pioneira da rápida evolução tecnológica e como aspetos culturais e tradicionais se revelaram aliados deste intuito é apontada numa abordagem dual com os EUA onde Lee se terá graduado, contextualizando a importância da educação e como esta é uma história de diferenças e de gigantes da IA. Esta sinopse reverbera que é “do ambiente acadêmico - aberto e com tempo e recursos orientados para avanços teóricos - que devem sair as novas quebras de paradigma”. O nosso interesse também é despertado pelos aspectos utópicos e distópicos da IA na sociedade e a controvérsia gerada pela sua presença nas nossas vidas humanas. Remata-se, sem hesitação, a obra como uma “leitura leve, altamente informativa e apresenta elementos que ensinam sobre uma ampla gama de assuntos: tecnologia, história, cultura, investimentos, medicina, autoajuda”.

Do mesmo modo que as demais contribuições, o artigo “A Inteligência artificial na contramão da desinformação: uma solução com chatbot para aprendizagem na área da saúde”, de Rejane Frozza, Gabriel Colbeich Lopes, Rolf Fredi Molz e Daniela Duarte da Silva Bagatini, destaca a IA como uma ferramenta de melhorias na educação. No estudo em questão, os autores falam sobre o desenvolvimento de um chatbot (agente conversacional) capaz de auxiliar os profissionais da saúde no processo de busca por informações com validação científica. A necessidade da criação desse agente ocorre diante da demanda por conhecimento - a busca de artigos científicos para qualificação do conhecimento e aprendizado, em particular na área da clínica médica, em tempo recorde.

O objetivo foi alcançado com o levantamento bibliográfico sobre os principais temas, aplicação de questionários com pessoas da área da saúde e, por conseguinte, com

o desenvolvimento da aplicação. Tal roteiro também contou com um planejamento de arquitetura da ferramenta e posterior avaliação, além da criação de ferramentas, onde, nas palavras dos pesquisadores, foi possível compreender os riscos e precauções que devem ser tomadas ao unir a IA generativa com educação. O trabalho evidenciou a importância da aproximação entre diferentes áreas e uma possível solução de uma demanda educacional por ferramentas de IA.

Por fim, o artigo “Inteligência artificial e Dark Data: o discurso do opressor versus os ruídos das minorias”, de Victor Hermann, se propõe a confrontar os impactos das Inteligências Artificiais Generativas (IAG) nas relações de poder, em especial no preconceito linguístico. Para tal, o autor ampara-se nas definições de preconceito linguístico elencadas pelo linguista brasileiro Marcos Bagno e de ruído e fala de Aristóteles. Conforme Hermann, pessoas oprimidas não costumam se considerar agentes públicos, pois existe um impacto negativo na autoestima dessas pessoas devido às inúmeras críticas à sua expressão verbal. Tendo em vista essa situação, pode-se afirmar que existe um transporte de um discurso opressor da sociedade para as IAG, por exemplo as fake news. De forma aprofundada e buscando amparo em conceitos das áreas da comunicação e da computação, o autor sugere a emergência de uma dark data capaz de resistir à big data, deixando-nos imersos nas definições de Rancière.

Dessa forma, ressaltamos que este dossiê apresenta contribuições inéditas e que permitem uma série de reflexões acerca do impacto da IA na nossa cognição, especialmente no modo como aprendemos. Por último, destacamos nossa alegria em poder realizar esta organização.

Tenham boas leituras!

Tereza e Sabine